



A Incomunicabilidade nas Relações no Real Frente ao Deslocamento do Homem no Virtual ¹

Guilherme Nogueira BITTAR CELESTINO ²

Vinicius ROMANINI ³

Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

RESUMO

Comentário e divagações sobre os novos desafios da comunicação frente a um mundo cada vez mais informatizado, onde a representação no virtual ocupa cada vez mais o campo do real nas relações interpessoais e sobre como o uso dos dispositivos para comunicação virtual tem atingido, há certo tempo, um grau de extensão cada vez mais amplo dentro da sociedade trazendo não apenas benefícios como, também, novos paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: internet, novas mídias, solidão, relações de gêneros, flâneur

CORPO DO TRABALHO

Introdução:

Antes limitado a uma pequena parcela privilegiada que possuía acesso à internet, hoje ela se desenvolve democraticamente como já o fez no decorrer do século XX a televisão e o rádio. A capacitação deste meio como forma de comunicação tem se alargado gradualmente e o tempo antes ocupado por outras atividades acabam transformando-se em seqüências de horas online. Tendo em vista este novo quadro, é preciso pensar em como as relações interpessoais se moldaram e se adaptaram a esses novos meios e novas formas de comunicar.

¹ Trabalho final do curso de Filosofia da Comunicação

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: guicelest@gmail.com

³ Professor da disciplina de Filosofia da Comunicação da ECA-USP



Outro ponto interessante no qual devemos pensar é a própria comunicação entre homem/mulher adaptada ao virtual no qual o charme, a beleza, e o portar-se no espaço dão lugar a outras formas de interação, tendo em vista o reaparecimento da comunicação escrita como principal articulador e a mudança da relação do sujeito com esta.

A partir de tal quadro seria possível repensar as formas como esta relação entre o masculino e o feminino se constrói, fazendo uma relação com o uso dos avatares em sites de relacionamento como o Orkut e Facebook.

Capítulo I: A criação de novas realidades (simulacros) e a democratização do acesso ao universo virtual

No livro “A possibilidade de uma ilha” (*La possibilité d’une île*, Ed Fayard, 2005), do romancista francês Michel Houellebecq, a sociedade evolui através da clonagem e da biotecnologia desenvolvido por uma seita do estilo raeliana¹. Nessa nova sociedade, o contato físico para a reprodução da espécie não é mais necessário e até o ato de comer já não é mais obrigatório, pois a biotecnologia transformou os seres humanos em fotossintéticos. Todo ser humano que tenha pagado, e caro, para ser clonado no início do século XX, se encontra ilhado em seu luxuoso bunker pessoal, com águas e pílulas minerais necessárias à sobrevivência.

O único contato físico com outro ser vivo acontece através dos animais de estimação, também clonados. Toda comunicação, e até as experiências, se dá através do virtual. No redor desses bunkers, fortemente protegidos, há um mundo repleto de seres humanos que não evoluíram, vivendo em tribos onde a fala foi extinta, sobraram apenas gritos e urros, e que praticam, entre outros atos “primitivos”, a antropofagia.

O livro não se pretende filosófico ou teórico, muito menos alarmista. Entretanto, ele consegue chamar a atenção para o que poderiam ser conseqüências até certo ponto nefastas deste excesso de interação virtual que aumenta progressivamente na sociedade atual. O autor apresenta também uma crítica sensata à exclusão digital, pois apenas uma parcela privilegiada tem acesso a tais dispositivos, enquanto a maioria da população mundial ainda se encontra a margem da “revolução digital”.



Pode se ponderar, ainda usando como exemplo o enredo do romance, que no século XXI, a criação de novos dispositivos comunicativos levará a sociedade a novos patamares práticos e, obviamente, filosóficos influenciando até a cultura dita tradicional como a própria literatura, como é o caso deste romance. Apesar do exagero e inverossimilhança o livro traz motivos para reflexão: até que ponto a interação virtual cria novas cognições que transformam nossas relações com o mundo ao redor?

Nessa nova sociedade, tanto a nossa como a do livro que, finalmente, não são tão diferentes assim, o *estar presente* já não é mais algo apenas físico e os aparatos tecnológicos substituem, a realidade. Potencializada pelo uso frenético da internet, esse novo tipo de relação interpessoal possui certos paradigmas que apresentam outras formas de representação. Um exemplo disso é a dicotomia entre a constante e intrínseca necessidade psicológica de afeto do ser humanos, baseado naquilo que a psicanálise considera a vontade de aceitação e nosso ideal-do-eu I(A). Concomitantemente, novos tipos de relação tornam desnecessário qualquer tipo de contato físico, aplacando tais desejos instintivos criando a aceitação “on line”. A existência se define então a partir de um ideal-do-eu transportado para o mundo virtual que é apenas um paliativo para a própria aceitação no real.

Faço aqui um parêntese para exemplificar: Poucos anos atrás a internet e os novos dispositivos tecnológicos eram utilizados principalmente por sujeitos que tinham dificuldades de interação no mundo real. Adolescentes geralmente tímidos e *outsiders* (posteriormente classificados como *nerds*, *geeks*, etc), interessados por novas tecnologias, apoderaram-se primeiro dessas ferramentas com o objetivo de facilitar a comunicação e acabaram por criar uma cultura própria. Nesse universo eles procuravam recriar aquilo que não conseguiam fisicamente em suas realidades como influenciar tendências e participar de uma tribo, além, claro, da interação facilitada com seres do sexo oposto, pois situavam-se a margem dos formadores de opinião. Eles eram pouco considerados pela publicidade tradicional, a não ser aquela especificamente relacionada aos jogos computadorizados e pela mídia. Criou-se uma cultura específica que influenciou da literatura às novas bandas de rock. Eles foram os primeiros a perceber tal potencial da internet que como remédio dos males psicológicos do ser humano moderno. Como diz Adriana Bacellar Leite e Santos em seu *A função simbólica da*



Mídia, “Através desta perspectiva o homem moderno é também ele um Narciso, atualizado apenas pela tecnologia de ponta que reproduz *ad infinitum* a sua própria imagem, bem como a sua inevitável solidão e angústia”.

Com o aumento da demanda de fluxos virtuais e o boom da internet no fim dos anos 90/ início do século XXI outros personagens, que antes estavam à parte de toda aquela cultura ligada ao mundo virtual, passaram a freqüentar também este universo e a participar desta nova cultura em desenvolvimento. Em poucos anos, da posição marginal, *outsider*, os *nerds* transformaram-se em formadores de opinião, impulsionado pela profusão de blogs e comunidades de relacionamento. Eles são agora estão diluídos na sociedade e todos têm sua parcela de interesse pelo digital o que transformou a publicidade e a relação com as mídias tradicionais que perceberam tardiamente seu potencial. Eles agora tentam se “apoderar” dessas novas formas de comunicação.

O exemplo dado mostra como esta cultura ligada ao “não presencial” se apoderou da sociedade de forma abrupta. Isto é sintomático das frustrações causadas pelo mal estar do homem moderno frente a uma sociedade complexa e no qual o deslocamento físico é cada vez mais complexo. Cria-se uma demanda parcialmente alcançada pelas interações virtuais, simulações da realidade que suprem a urgência do bem estar. Quanto mais “amigos” tenho no Orkut ou Facebook mais amado e popular sou, suprimo meu desejo de afeto. Isso me aproxima cada vez mais do meu próprio ideal-do-eu.

Capítulo II: O fim dos espaços públicos e a violência como suportes às novas formas de interação que excluem o outro. O fim do *flanêur*

Um exemplo que sempre me vem à mente quando o assunto é as novas formas de percepções criadas pelo virtual são as “novas” relações interpessoais entre os estudantes da minha sala, e das que nos seguiram, na USP comparado com os anos anteriores. São Paulo é uma cidade complexa no qual a precariedade do transporte transforma a população em refém de sua casa e bairro. Soma-se a isso os preços excessivos praticados nos bares, shoppings e restaurantes da cidade, aliados à falta de espaços públicos gratuitos para a prática da convivência social. Neste quadro a comunicação digital potencializou-se de tal forma que os bares próximos à USP, antes lotados de estudantes, estão às moscas e muitos desses que se reuniam em bares com os colegas,



chegam a casa e ligam os computadores para se comunicar não apenas com estes colegas, mas também com outras pessoas com as quais tem mais afinidades, o que pode ser ruim para o debate e a formação de novas idéias. As próprias assembléias de alunos, o antigo espaço de discussão da política universitária, não chegam sequer a reunir quorum representativo, pois as discussões foram transpostas para grupos de emails e comunidades do Orkut. As passeatas estão em extinção e a movimentação agora é rápida, como os *flash mobs*, para evitar “a perda de tempo”. Perda de tempo, tempo este que se transforma em horas e horas *on line*.

Outro inibidor do deslocamento é o aumento da violência e da exclusão social. O medo de sair de casa transforma-se em frustração que é atenuado pelos dispositivos digitais. A televisão digital, com sua grande oferta de canais, a internet e o *delivery*, transformam o ser humano moderno refém de si mesmo. Sair de casa nos coloca em contato com a massa primitiva, violenta, situações e contatos que invadem nosso campo pessoal, nossa intimidade. A segurança, como no livro citado, está em ficar em casa, evitar ao máximo o contato social direto, o perceber o outro.

As situações descritas, antes limitadas a países violentos, cidades grandes e/ou com escassez de espaços públicos como os EUA, grandes cidades latino americanos e centros urbanos da Ásia (Irã, Japão, Índia e China em especial) agora se apoderam de países onde o bem estar social e a interação de classes é diferente. É o caso dos países europeus, onde uma grande quantidade de espaços públicos e interativos como praças, *parks*, *Biergartens*, *quais* de rios e *jardins* se faz presente, mas não evitam um esvaziamento das cidades, agora muito mais ocupadas pelo turismo, última forma de contato com o espaço real, do que pelo cotidiano dos cidadãos.

Como cita Romanini em *Só o receptor salva a comunicação*, baseado no texto de Wolton, *É preciso salvar a comunicação*: “Em outras palavras, a total liberdade de escolha oferecida pelas mídias digitais favorece a criação de comunidades fechadas, produzindo incomunicação, desconfiança e violência”. O fechar-se em si e no digital cria uma sociedade intolerante e ignorante, fechada em guetos que desconhece o outro.

Walter Benjamin apostava no *flâneur* de Baudelaire, o filósofo andarilho, aquele que caminha sem rumo pela cidade, apreciando a arquitetura, as paisagens, as interações



sócias num eterno elucubrar. Este sujeito moderno, racional e romântico ao mesmo tempo, *Freidenker*, herdeiro do livre pensar, já não existe mais. As novas sociedades levaram o *flanêur* à triste extinção. Para que andar pela cidade se tudo se encontra na rede. O excesso de informação e a seqüencialidade dos sites, nos quais um link leve a outro, impede o deslocamento, atrapalha o filosofar sem rumo.

Tudo deve ter um objetivo, e este objetivo se encontra no *on line*. A Wikipédia leva o usuário a passear pela história e pelo mundo sem sair de casa, objetivamente. As pessoas interessantes não estão mais nos cafés ou bares, a discutir livremente, levantando debates, mas sim nos blogs e grupos de emails, baseando seus argumentos em *links*. Acaba também toda uma noção de boemia, de vida livre, um glamour que antes se perpetuava socialmente, principalmente nos meios intelectuais. Não há mais necessidade de se locomover para visitar e conhecer novas culturas ou viver novas experiências, pois a rede nos leva a uma sublimação da vontade de cultura, é um paliativo à interação e ao conhecimento.

Capítulo III: A relação homem e mulher e os novos paradigmas do virtual

Após um encontro em uma festa, o homem procura a mulher com quem “ficou” no Orkut. Lá ele descobre que ela é formada em geografia na turma do ano de 1999 da USP, gosta de lasanha, adora dormir de conchinha, tem dois *yorkshires* e odeia mentira, além de gostar de homens fofos. Ele resolve então mandar um *scrap* com seu MSN para que eles possam se “conhecer melhor”. Poderia ser ele da mesma forma em que poderia ter sido ela a fazer isso, não há regras. Poderia também os dois jamais terem se visto e um encontrou o outro através de um “amigo” ou comunidade em comum. Este é um exemplo das novas formas de interações atuais. Eles nos levam a repensar a própria existência de afinidades entre o casal.

Como a maioria dos internautas frequenta redes de relacionamento e possuem avatares, em algum momento a relação interpessoal passa pelo campo do virtual. O “ser” se transforma em “seres” no qual cada um pode ser o que bem entender. O processo de cognição é outro, pois há a aceleração de etapas e mudança da forma como vemos e percebemos a outra pessoa. Ela se mostra como ela pretende ser e não como ela realmente o é.



Neste novo contexto as regras ainda são flexíveis. Diferentemente dos relacionamentos tradicionais nos quais uma norma, etiqueta, se desenvolveu, no relacionamento dito “pós-moderno” até os papéis podem se inverter. Para Baudrillard, em *Da sedução*, no qual discute a relação entre os gêneros e o papel da mulher, está não esta em oposição ao homem, mas na verdade o seduz. É essa essência da mulher, seduzir o homem, e o feminismo para ele é um “desvio artificial da verdade da mulher”.

A relação homem mulher no virtual acontece dentro deste contexto de pós-feminismo onde a mulher não é mais a sedutora, e sim a concorrente do homem, tomando um papel que não é o dela. Se para Baudrillard a revolução burguesa deu fim à sedução, considero que a revolução digital a ressuscitou no homem, criando angustias nestes que já não sabe mais como ‘ser homem’. Há uma inversão de valores.

O fálico perde seu poder no virtual, tudo é andrógino. O homem tenta seduzir a mulher através de seus avatares milimetricamente calculados, pronto para ser o homem ideal, bom pai, marido carinhoso e provedor de prazer. A própria mídia vem se apoderando deste mito, pregando o metrossexualismo² e a beleza física como modelo a ser seguido pelas futuras gerações do sexo masculino. Um exemplo é a propaganda de lançamento da revista de comportamento masculina GQ (Gentlemen’s Quarterly) na França na qual aparece o homem perfeito: bonito, romântico, esportista. E a mulher sente o efeito dessa nova cultura, pois ao mesmo tempo em que procuram por homens com estas características, ainda estão ligadas instintivamente aos homens de antigamente.

Há ainda a questão desses novos casais frutos do virtual estarem muito mais ligados diariamente do que os da época do telefone, principalmente por causa dos baixos custos em entrar em contato via MSN/ Gtalk. A relação acaba por se tornar múltipla, não é mais um namoro, mas sim vários namoros com a mesma pessoa: via MSN, Orkut, telefone e, finalmente, ao vivo. Em cada uma das personalidades a relação se estabelece de uma forma o que pode ser bastante esquizofrênico. Uma conversa por escrito, e mesmo por telefone, não substitui uma conversa ao vivo, num bar, restaurante, ou mesmo ir ao cinema, pois não há naquelas a expressão corporal, o que pode levar a situações delicadas nas quais a ironia, por exemplo, não é compreendida.



Por ultimo não podemos deixar de lembrar que há, ainda, nesses relacionamentos atuais um novo tipo de ciúme que se estabelece na rede onde há pessoas ávidas por relacionamentos apenas digitais, ao mesmo tempo em que possuem um namorado(a) em carne e osso, algo que colabora para esquizofrenia moderna. As relações mudaram muito no nível estrutural em muito pouco tempo.

Conclusão:

O objetivo deste texto não é tirar conclusões, apenas trazer alguns tópicos para a reflexão. Entretanto considero que a comunicação continua a ser regida por uma série de princípios primários que não se modificam, sendo os mesmos há mais de 6000 (data em que surgiu a escrita) quando os homens começaram a se comunicar.

A internet potencializou, todavia, uma série de relações, que trouxe novos paradigmas à sociedade do século XXI. Ela pode ser benéfica, democratizando e difundindo o acesso as informações, mas também deve trazer uma série de novos desafios, psicológicos e sociais para as próximas gerações.

Esses desafios incluem a não marginalização de parte da sociedade, gerando duas distintas: as camadas ricas e conectadas e as pobres e excluídas do virtual. Também deve impedir a sectarização da sociedade em grupos antagônicos, e ainda lidar com a baixa interação social. Sem esquecer os problemas causados nas relações entre os casais. Todavia, os problemas citados precisam de profunda reflexão e tornam ainda mais complexos os estudos da comunicação.

Referências:

- SANTOS, Adriana Bacelar Leite. **Os meios de comunicação em massa como extensão do mal-estar**. Rio de Janeiro: Mauad 2002
- ROMANINI, Vinícius. **Só o receptor salva a comunicação**. In Matrizes. No 2. ECA/USP
- WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006
- LIMA, Luis Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000
- BAUDRILLARD, Jean. **De la séduction**, Paris: Editions Galilee, 1979
- MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**. Porto Alegre:



EDIPUCRS, 2005

DA COSTA, Rogério. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2002

Entrevista Contardo Calligaris. Revista Veja edição de 30 de maio de 2009.